

FIOS AO VENTO: a Cruz Vermelha como mediadora na localização de familiares no pós-II Guerra Mundial¹

STRINGS IN THE WIND: The Red Cross as a mediator in the search for relatives in the post-World War II

João Vitor Sand Theisen²
Vanessa Taís Fritzen³

Resumo: O presente estudo trata de laços familiares perdidos ou rompidos no decorrer da II Guerra Mundial e a tentativa de reconstrução desses fios familiares, acionando a Cruz Vermelha, por meio de cartas, como instituição mediadora, no pós-guerra. Parte-se do pressuposto de que no contexto pós-guerra, a Cruz Vermelha, como entidade internacional, foi uma das instituições que canalizou as demandas de famílias, especialmente do Leste Europeu, que perderam o contato com familiares, que supostamente emigraram para a América, muitos deles para o Sul do Brasil. Nesse artigo, no primeiro momento, delimita-se o tema e a fonte de estudo, em seguida, busca-se mapear os sujeitos e as suas demandas, expressas nas cartas endereçadas à Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e, por fim, apresentam-se três estudos de caso. Portanto, essa escrita é uma primeira aproximação do tema e da fonte, suscita mais perguntas do que respostas.

Palavras-chave: Imigração. Cruz Vermelha Brasileira. Cartas.

Abstract: This study addresses the lost or broken family ties during World War II and the attempt to rebuild them, turning to the Red Cross, via letters, as a mediator institution, during the post-war period. Based on the assumption that in the post-war scenario, the Red Cross, as an international entity, was one of the institutions that concentrated families' demands, especially from the Eastern European ones, that lost contact with relatives, who supposedly emigrated to America, lots of them to the South of Brazil. In this article, at first, the subject and the source are set, then, the aim is to map the subjects and their demands, expressed in their letters addressed to the Brazilian Red Cross, Porto Alegre's branch, in Rio Grande do Sul, and, at last, three case studies are presented. Therefore, this paper is a first approach to the subject and the source, raising more questions than answers.

Keywords: Immigration; Brazilian Red Cross; Letters.

¹ O projeto de pesquisa *Cartas de imigrantes à Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre, no pós-II Guerra Mundial* é coordenado pelas professoras Dra. Rosane Marcia Neumann (PPGH/UPF) e Dra. Marlise Regina Meyrer (PPGH/PUCRS).

² Graduado em História (UPF). Mestrando do Programa de Pós-graduação em História (PUCRS). Membro associado da Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras. E-mail: joaovsand@gmail.com - <http://orcid.org/0000-0002-2703-3609>

³ Graduanda em História - UPF. E-mail: vanessafritzen@live.com

1 INTRODUÇÃO

A historiografia brasileira que aborda os deslocamentos migratórios da Europa para a América, em boa parte, concentra-se nos fluxos migratórios do século XIX, dentro da política do Império de imigração subvencionada e dirigida (cf. FAUSTO, 2000; ROCHE, 1969). Outra parcela de estudos debruça-se sobre as migrações nas primeiras décadas do século XX, encontrando novos fluxos migratórios, locais de origem e de destino, com o enfoque voltado à imigração espontânea (NEUMANN, 2016). Entretanto, os estudos sobre a imigração no Brasil no pós-II Guerra Mundial, incluindo os tratados internacionais de acolhimento de refugiados, são pouco expressivos⁴.

Nesse contexto, a partir do acervo documental de cartas da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre, buscam-se vestígios dos emigrantes do Leste europeu que supostamente emigraram para o Rio Grande do Sul, durante e no pós-II Guerra Mundial, e perderam o contato com a família. Entende-se que a Cruz Vermelha, como entidade internacional, foi uma das instituições que canalizou as demandas desses elos perdidos, empenhando-se na localização dessas pessoas, dentro de uma rede complexa de buscas, interconectada em nível regional, nacional e internacional.

Na escrita do presente estudo, em um primeiro momento, discute-se o suporte carta como fonte e objeto de pesquisa; em seguida, busca-se mapear uma amostra dos sujeitos e as suas demandas, expressas nas cartas

endereçadas à Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

2 CARTAS: UMA ESCRITA DE SI

Os motivos que levam um sujeito a um movimento migratório são diversos: guerras civis, conflito entre países, pobreza, perseguições, desastres ambientais, etc. Abdelmalek Sayad (1998) considera a imigração um fato social completo, tendo em vista que o emigrante e o imigrante são a mesma pessoa, causando impacto tanto no local de partida quanto no local de chegada. Ao emigrar para outro país, o sujeito acaba por romper com os seus laços sociais e familiares. Carrega consigo a saudade, transmutada na nostalgia. Em um contexto de guerra, esses laços tornam-se mais fluídos e, muitas vezes, perdem-se.

Conforme Peter Alheit (2019), as migrações transnacionais levam o imigrante a escrever, primeiro, por necessidades burocráticas – solicitar documentos, registros de entrada, saída, dossiês de documentos –, segundo, por uma necessidade ou opção pessoal – enviar notícias aos familiares, registrar suas memórias, escrever um diário, um relato de viagem, uma nota para imprensa, produzindo vestígios de sua passagem.

Note-se que o ponto em comum é a “escrita de si” em contexto migratório – uma escrita muito pessoal e privada, autobiográfica –, mas o suporte e formato são distintos. No cenário da/e pós-II Guerra Mundial, encontra-se um fluxo transnacional de cartas, remetidas de diferentes lugares do continente europeu,

⁴ A respeito do tema (ver PAIVA; SAKURAI, 2004; SALLES et al. 2013). Em linhas gerais, houve um aumento significativo de pesquisas que abordam as migrações atuais, como os senegaleses (ver TEDESCO; MELLO, 2015). O contexto excepcional da pandemia de Sars-Covid-19 deu origem a inúmeras publicações e debates tendo como temática o imigrante no contexto da pandemia, com enfoque nas questões jurídicas, sanitárias, deslocamento, dentre outros (ver TEDESCO, 2020).

para distintos receptores na América. Esses sujeitos lançaram mão de tinta e papel para registrar seu apelo em busca de familiares, desconectados pelo cenário de guerra.

Para o historiador, as cartas são uma fonte de pesquisa riquíssima, sendo cada vez mais acessadas (ver ALVES, 2003; BLAS, 2004; MATOS; TRUZZI, 2015). Sua leitura e interpretação permitem diferentes análises. O historiador, ao deparar-se com um acervo de cartas, tem diante de si uma fonte de pesquisa que, ao mesmo tempo, pode ser seu objeto de estudo. Como escreve Teresa Malatian (2009, p. 200),

ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva. Processo identitário que se define constantemente e elimina qualquer suposição de coerência e continuidade de atitudes, sentimentos ou opiniões

As cartas, nesse contexto, reúnem em sua narrativa fatos e experiências heterogêneas. O sujeito, ao escrever uma carta, constrói uma representação de si mesmo e do seu espaço. Essa representação não é estática, mas relacional, adaptando-se às diferentes situações. No entanto, a narrativa esboçada na carta precisa ser plausível aos olhos de seu leitor, para ter credibilidade (MALATIAN, 2009).

O suporte escolhido – a carta – constitui uma tentativa de religar os vínculos perdidos. A carta traz em seu conteúdo os sentimentos de seu autor, como produto do deslocamento e afastamento. Em contextos migratórios, esses “fios de papel” assumem um lugar

central.

Os emigrantes, muitas vezes, passariam a vida inteira na tentativa de juntar as pontas daqueles fios, aquelas ligações familiares, identitárias e comunitárias que se haviam rompido no cais na hora da partida. As cartas são justamente o testemunho deste esforço, desta tarefa impossível: a busca constante para reconstruir, ou manter inalterado, através da escrita, aquilo que a emigração havia irremediavelmente interrompido ou modificado (CROCI, 2008, p.17).

A carta, como fruto deste esforço de superar as distâncias, possibilita compreender o cotidiano do imigrante, as transformações sociais, culturais e identitárias; nelas são registrados seus projetos, sucessos financeiros, suas dificuldades e seus sentimentos no novo lar ou pátria. Os deslocamentos incentivaram a escrita e a leitura dos imigrantes, sendo o único meio de manter contato com sua terra natal. De certa forma, a distância “democratizou” a escrita e a leitura. Todavia, nem todos os imigrantes escrevem, por razões diversas, seja pelo analfabetismo, pela falta de recursos, pela distância de centros urbanos; seja pelo rompimento dos laços entre o sujeito e seus familiares – recomeçar do zero em outro local –, ou ainda, em situações de migrações não documentadas.

As cartas são produtos do íntimo, do doméstico, do privado, uma troca de informações entre indivíduos, mas também são públicas e coletivas, visto que muitas vezes são lidas ou escritas por terceiros, são transcritas ou datilografadas, traduzidas, manipuladas ou censuradas. Além disso, muitos imigrantes devido à falta de recursos buscavam entidades públicas ou privadas para encaminhar suas cartas, ou para reencontrar seu familiar para restabelecer o contato, tema aqui tratado.

Nesse rol de cartas, as cartas de

imigrantes, embora pouco numerosas, justamente em razão de sua circulação no âmbito do privado, permitem-nos ver e conhecer o espaço percorrido e os sujeitos envolvidos sob outro ângulo, aproximando-nos de uma imagem do cotidiano do imigrante, o que escreve e o que deixa de escrever, o registro de suas experiências, o que permite compreender e situar os laços familiares e as redes sociais, bem como sua trajetória. No ato da escrita, a carta tem como objetivo encontrar seu destinatário, o qual vai ser seu guardião – no nosso caso, a Cruz Vermelha e, por meio dessa instituição, é possível traçar a trajetória percorrida por essas cartas, e a possibilidade de ter chegado ao seu destino, nesse caso, a resolução da demanda.

Como recorte de estudo, foi selecionado um conjunto de cartas que compilam as demandas de imigrantes junto à filial da Cruz Vermelha Brasileira, em Porto Alegre. A Cruz Vermelha, como uma sociedade voluntária, encaixa-se na realidade pública e coletiva das missivas. Ela se torna um ponto de convergência dos indivíduos que buscam restabelecer contato com seus familiares e, nesse sentido, torna-se a instituição que tenta religar os laços e manter vivas as redes.

3 CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha, fundada durante a Conferência Internacional que reuniu instituições filantrópicas, realizada em Genebra, Suíça, de 26 a 29 de outubro de 1863, formalizou ideias propostas por Henry

Dunant (1828-1910)⁵ a respeito da criação de uma sociedade de socorro que busca atender as vítimas de conflitos armados e auxiliar na comunicação de refugiados e imigrantes, sendo esse o início dos trabalhos humanitários da Cruz Vermelha. O Comitê trabalhava em conjunto com as demais sedes da Cruz Vermelha espalhadas pelo mundo e procurava estabelecer relações com o máximo de lugares e pessoas voluntárias possíveis visando responder aos inúmeros pedidos de ajuda.

No Brasil, iniciou os seus trabalhos em 1908, tendo como primeiro presidente o sanitarista Oswaldo Cruz. A Cruz Vermelha Brasileira é uma sociedade de socorro voluntário, autônoma, recebendo recursos do poder público, instituições e indivíduos. O registro e o reconhecimento da entidade no âmbito nacional e internacional se deram nos anos de 1910 e 1912, sendo que a I Grande Guerra (1914/1918) constituiu-se, desde seus primórdios, no fator decisivo para o grande impulso que teria a nova Sociedade⁶. Atua principalmente no socorro aos feridos em campos de batalha ou na liberação de prisioneiros de guerra e auxílio nas vítimas de desastres naturais. Hoje, possui 18 filiais no país. Já a filial no Rio Grande do Sul foi fundada em 1940, com ramificações em sete filiais municipais, a saber: São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Caxias do Sul, Tramandaí, Bento Gonçalves, Montenegro e Santa Maria⁷.

No pós-II Guerra Mundial, a Cruz Vermelha Brasileira, para além da busca de desaparecidos de guerra, também atuou na localização do paradeiro de civis

⁵ Conhecido como “pai-fundador” da Cruz Vermelha, após presenciar a Batalha de Solferino em 1859, organizou um serviço de primeiros socorros, publicando em 1862 Um Souvenir de Solferino onde sugeria a criação de uma entidade nacional de apoio a soldados e as vítimas de guerras. Em 1863, juntamente com Gustave Moynier, Guillaume-Henri Dufour, Louis Appia e Théodore Maunoir - o chamado O Comitê dos Cinco - criam o Comitê internacional de socorro aos feridos, que em 1863 durante a Convenção de Genebra viria a ser o Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

⁶ Cruz Vermelha Brasileira. Disponível em: <http://www.cruzvermelha.org.br/pb/institucional/historia-da-cvb/> Acesso em 2 out. 2020.

⁷ Ibid.

que, em sucessivas migrações no cenário de guerra, perderam o contato com seus familiares. Tratando-se de uma rede internacional, supranacional, possuía meios para fazer frente a essa demanda.

4 ANÁLISE DO ACERVO DE CARTAS

O acervo de cartas da Cruz Vermelha Brasileira, filial de Porto Alegre, tem como elo comum o destinatário inicial – Cruz Vermelha –, porém são muito distintos quanto à origem, demanda e destino final. Percebe-se que, esgotadas todas as possibilidades de localizar um familiar, a família, desprovida de recursos, apelava à instituição internacional filantrópica, como uma última tentativa de solucionar uma demanda privada.

A análise de uma primeira amostragem de cartas, em número de 80, dá uma prévia da complexidade dos casos que chegavam até a instituição, bem como a rede local e internacional envolvida na tentativa de resolver a questão.

O fluxo de entrada dessa correspondência se dava no Brasil via Central da Cruz Vermelha do Rio de Janeiro, então capital, a qual providenciava a redistribuição para as filiais espalhadas pelo país e no exterior. Por essa razão, o maior fluxo de troca de informações do acervo consultado se estabeleceu entre a filial da Cruz Vermelha de Porto Alegre e a Central da Cruz Vermelha do Rio de Janeiro.

Do mesmo modo, as solicitações de origem sul-rio-grandense que se direcionaram para o exterior, passam primeiramente pela Central da Cruz Vermelha do Rio de Janeiro e depois para seu destino final. Entretanto, o caminho inverso também acontecia, com solicitações vindas do exterior para o Rio de Janeiro referentes a sujeitos supostamente estabelecidos no Rio Grande do Sul, sendo assim repassadas para a filial de Porto Alegre, formando uma

rede de troca de informações e ajuda.

O rol de cartas analisadas, no total de 80, transcritas pela Cruz Vermelha e traduzidas para o português, nem sempre trazem dados específicos quanto a origem do destinatário e o destino, conforme consta no Quadro 1. Sobressai um fluxo maior de correspondências nos anos de 1955 e 1956, especialmente tratando de familiares oriundos do Leste Europeu, como a Hungria.

Quadro 1 - Fluxo de cartas da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre, no período 1947-1956

Ano	Número de cartas
1947	3
1948	1
1949	2
1950	3
1952	5
1953	1
1954	5
1955	26
1956	20
Sem data	14
Total de envios	80

Fonte: Dados compilados pelos autores, a partir da análise do acervo da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre.

Quanto ao fluxo da correspondência, conforme Quadro 2, prevalece a troca de informações entre o Rio de Janeiro e Porto Alegre e, em menor escala, com filiais do exterior.

Quadro 2 - Locais de origem do fluxo de cartas da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre, no período 1947-1956

Lugar de origem	Número de correspondências
Alemanha	1
Bulgária	1
Comitê internacional	2
Estados unidos	1
Genebra, suíça	3
Itália	1
Madrid	1
Porto alegre	28
Rio de janeiro	23
Rio grande do sul (sem especificação da cidade).	10
São paulo	2
Sem local específico	7

Fonte: Dados compilados pelos autores, a partir da análise do acervo da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre.

Ao debruçar-se sobre o local de destino, o leque de opções reduz sensivelmente, conforme Quadro 3. Prevalece, em larga medida, a troca de informações entre a central e a filial.

Quadro 3 - Locais de destino fluxo de cartas da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre, no período 1947-1956

Lugar de destino	Número de correspondências
Argentina	1
Bessarábia	1
Canadá	4
Paraná	1
Porto alegre	26
Rio de janeiro	38
Sem local específico	9

Fonte: Dados compilados pelos autores, a partir da análise do acervo da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre.

Por conta das diversas nacionalidades de origem e destino das cartas, também se nota a presença de diversos idiomas que, mesmo em número reduzido, mostram a diversidade étnica do

país, conforme Quadro 4.

Quadro 4 - Idiomas presentes no fluxo de cartas da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre, no período 1947-1956.

Idiomas	Número de correspondências
Italiano	1
Espanhol	2
Alemão	1
Francês	5
Inglês	2
Português	69

Fonte: Dados compilados pelos autores, a partir da análise do acervo da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre.

Traçado, em linhas gerais, o perfil das correspondências, convém lançar um olhar mais detalhado às demandas desses sujeitos, que recorrem à Cruz Vermelha, em busca de auxílio.

5 ESTUDO DE CASO

Como já mencionado, as correspondências estudadas diferem quanto à origem, destino e conteúdo. Os assuntos tratados nas missivas se mesclam entre pedidos para encontrar familiares, amigos ou conhecidos dos quais se perdeu contato, além de convites para eventos e agradecimentos. Cabe ressaltar que há cartas incompletas, outras, se resumem a uma descrição sintética do assunto, sem contextualizar toda a trama envolvida.

No Quadro 5 estão sistematizados os dados quanto às temáticas ou demandas presentes nas cartas. Logo, trata-se do número de casos abordados, visto que alguns se alongam em mais de uma carta. Fica evidente que a maior parcela da correspondência tratou da busca de familiares “extraviados” no contexto da guerra, cuja troca de informações se prolongava para além de duas cartas, na maioria das vezes.

Quadro 5 - Temáticas presentes no fluxo de cartas da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre, no período 1947-1956

Assuntos presentes nas correspondências	Número de casos
Ficha de documentos	3
Busca de familiares	21
Pedido de ajuda de imigração	2
Convites	1
Despachos	1
Total	28

Fonte: Dados compilados pelos autores, a partir da análise do acervo da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre.

As cartas constituem fragmentos das narrativas de imigrantes, que circularam por várias instâncias, mas nem sempre temos o quadro geral do caso, nem o desfecho.

Dentro da multiplicidade de demandas, há o caso do imigrante romeno Christoph Fandrich, que chegou ao Rio Grande do Sul em 1926, onde se casou e teve dois filhos. Em agosto de 1955, entrou em contato com a Cruz Vermelha de Porto Alegre, solicitando ajuda para obter uma carta de chamada para ele e sua família que emigrou aos Estados Unidos. O pedido foi recebido pelo então diretor da secretaria, José Barros, que o encaminhou para a Central da Cruz Vermelha, no Rio de Janeiro. Um mês depois, recebe como resposta que nada poderia ser feito a partir do Brasil para ajudar esse imigrante. Em anexo a carta, constava a resposta do Ministério das Relações Exteriores, que afirmava que apenas autoridades estadunidenses poderiam conseguir uma carta-chamada⁸.

Ao todo este caso possui três correspondências e várias perguntas: será que Christoph conseguiu emigrar? Se

conseguiu, como foi esse processo? Como e onde esse enredo terminou? São perguntas que não precisam ser respondidas para entender a importância das correspondências trocadas, o fato é de que a Cruz Vermelha possui influências por todo país e atendia pedidos diversos.

Relação distinta do que acontece nas correspondências sobre Nikolai Zalec. Esse sujeito de origem iugoslava se torna central em sete cartas trocadas entre março de 1953 e maio de 1956. Durante esses três anos a Cruz Vermelha, por solicitação da sua filha Katarina Zalec, que reside há quatro anos no Rio Grande do Sul, tenta encontrar o sujeito, do qual não se tem notícias desde 1920, quando enviou a última carta para sua filha, quando ela ainda residia na Europa, informando que estava no Paraná. A filha Katarina sinaliza para possíveis vestígios de seu pai, ao sugerir fazer contato com a Cruz Vermelha estadunidense, visto que Nikolai emigrou para os Estados Unidos por volta de 1914. No primeiro momento, as informações foram insuficientes e, mesmo com o contato com o exterior, o sujeito não foi encontrado. Na última correspondência trocada entre a Cruz Vermelha de Porto Alegre e a Central do Rio de Janeiro, Katarina solicitava novamente a intervenção junto à Cruz Vermelha norte-americana no sentido de encontrar informações sobre Nikolai. Informava que o imigrante iugoslavo chegaria a Illinois, EUA, antes da Grande Guerra de 1914. Nesta localidade, ao enviar fotografias, Nikolai aparecia com uniforme azul de auxiliar de cozeiro⁹.

Novamente várias perguntas surgem: onde está Nikolai? Ele está vivo ou morto? Por que ele emigrou? Por quais lugares ele passou? Foi encontrado ou será que a filha nunca mais viu o pai? As

⁸ Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 29/08/1955. Zuleika Lintz a General Dr. Benjamin Gonsalves, Rio de Janeiro, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

⁹ Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 08/05/1956. José Barros a General Dr. Benjamin Gonsalves, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

cartas não respondem a nenhuma delas, porém trazem o exemplo de como os processos imigratórios do início do século XX foram intensos, de como os sujeitos deixavam a família provavelmente procurando melhores condições de vida e, por vezes, se “perdiam” no mundo. Esse processo é repetido por gerações, visto que assim como o pai, Katarina também deixou a Iugoslávia e emigrou para o Rio Grande do Sul e, entre esses caminhos, procura a sorte de cruzar com seu pai e restabelecer os laços que há tanto tempo foram cortados. Aqui, como em outros casos, surgem as múltiplas migrações, ou seja, um emigrante que pode estar nos Estados Unidos ou no Brasil, indica para a circularidade desses sujeitos, que escapam ao registro oficial dos países e das listas migratórias, permanecendo invisíveis nos dados oficiais, perdendo-se da família.

As solicitações também surgiam por conta de conflitos externos, como é o caso da guerra civil da Hungria que aconteceu entre 23 de outubro e 10 de novembro de 1956, como uma revolta popular contra as políticas impostas pelo governo da República Popular da Hungria e pela União Soviética. Esse conflito causou preocupação aos imigrantes húngaros que formavam uma colônia no Rio Grande do Sul e buscaram a Cruz Vermelha para encontrar notícias sobre familiares e amigos que residiam em sua terra natal ou que poderiam ter se refugiado na Áustria¹⁰. Esses pedidos que chegavam à sede de Porto Alegre eram repassados à Central do Rio de Janeiro que por meio do Comitê Internacional buscava responder às solicitações. Nomes de vinte famílias diferentes são listados ao longo das oito cartas trocadas,

reforçando o anseio urgente por uma resposta. Essas solicitações foram por meio da Cruz Vermelha também enviadas a João Goulart do Senado Federal do Rio de Janeiro, solicitando que este interfira na doação pública para que possa chegar até a Áustria ajuda aos refugiados.

Quantos desses familiares foram encontrados? Quantos sobreviveram? Quanta ajuda foi necessária? Mais uma vez, conhecer as respostas não é a intenção, mas sim compreender como por meio da globalização um conflito europeu desencadeou consequências no Rio Grande do Sul e do papel da Cruz Vermelha em busca conectar os fios que ficaram ao vento por conta dos processos migratórios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado, as correspondências estudadas diferem quanto à origem, destino e conteúdo. Os assuntos tratados nas missivas se mesclam entre pedidos para encontrar familiares, amigos ou conhecidos dos quais se perdeu contato, além de convites para eventos e agradecimentos. Cabe ressaltar que há cartas incompletas, outras, se resumem a uma descrição sintética do assunto, sem contextualizar toda a trama envolvida.

As cartas vão permitir que os fios que foram deixados ao vento devido ao deslocamento sejam ou não religados, carreguem consigo sentimentos, projetos, sucessos financeiros, dificuldades. As instituições públicas ou privadas vão ter o papel de auxiliar os imigrantes no envio de suas cartas ou na busca do seu familiar para restabelecer o contato, como é o caso da Cruz Vermelha

¹⁰ Para além das correspondências, tal questão manifestou mobilizações significativas por meio da Cruz Vermelha, desencadeando em notícias em jornais como é o caso do Jornal do Dia, e sendo documentadas por fotografias das ajudas que chegaram à Hungria. Diariamente a sede de Porto Alegre dava informações aos requerentes sobre as ações da Cruz Vermelha no auxílio das vítimas da guerra civil e informações dos parentes dos imigrantes húngaros.

Brasileira. Na filial de Porto Alegre, conforme vimos, são atendidos os mais diversos pedidos, sejam eles na busca de informações de familiares ou no auxílio de conseguir uma carta de chamada para outro país. Nem sempre há um retorno das solicitações, mas não desmerece o fato de os imigrantes buscarem a Cruz Vermelha na tentativa de reconstrução dos laços, principalmente daqueles que foram rompidos devido a guerras.

REFERÊNCIAS

- ALHEIT, Peter. Migração e biografia: aspectos históricos de um relacionamento emocionante. **Revista História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 19, n. 2, p. 165-178, 2019.
- ALVES, Débora Bendocchi. Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro – Turíngia (1852-1853). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 155-184, 2003.
- BLAS, Verónica Sierra. “Puentes de papel”: apuntes sobre las escrituras de la emigración. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 121-147, jul./dez. 2004.
- CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. **Locus, Revista de História**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p.13-39, jul./dez. 2008.
- FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-222.
- MATOS, Maria Izilda S.; TRUZZI, Oswaldo M. S. Presença na ausência: cartas na imigração e cartas de chamada. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 338-47, set./dez. 2015.
- NEUMANN, Rosane Marcia. **Uma Alemanha em miniatura: o projeto de imigração e colonização étnico particular da colonizadora Meyer no Noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932)**. São Leopoldo: Oikos, Ed. Unisinos, 2016.
- PAIVA, Odair da Cruz; SAKURAI, Célia. Migrações Internacionais, Geopolítica e Desenvolvimento Econômico (1947-1980). In: ANPOCS, 28., 2004, Caxambu, **Anais...** Caxambu, 2004, p.1-21.
- ROCHE, Jean. **A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.
- SALLES, Maria do Rosário Rolfsen *et al.* (org.). **Imigrantes internacionais no Pós-Segunda Guerra Mundial**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2013.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.
- TEDESCO, João Carlos. **Desejados e excluídos: trabalhadores imigrantes na/como pandemia**. Passo Fundo: Acervus, 2020. v. 1.
- _____.; MELLO, Pedro Alcides Trindade de. **Senegaleses no Centro-Norte do Rio Grande do Sul: imigração laboral e dinâmica social**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2015.

FONTES

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, Sem data. Cruz Vermelha do Rio Grande do Sul a João Goulart, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 10/11/1953. José Barros a presidente da Cruz Vermelha do Paraná, Porto Alegre,

Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 08/03/1955. José Barros a General Dr. Benjamin Gonsalves, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 25/03/1955. General Dr. Benjamin Gonsalves a José Barros, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 26/04/1955. Caile Galub a presidente da Cruz Vermelha do Brasil, Estados Unidos, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 19/05/1955. General Dr. Benjamin Gonsalves a José Barros, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 29/07/1955. José Barros a General Dr. Benjamin Gonsalves, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 08/08/1955. José Barros a General Dr. Benjamin Gonsalves, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 29/08/1955. Zuleika Lintz a General Dr. Benjamin Gonsalves, Rio de Janeiro, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 01/09/1955. General Dr. Benjamin Gonsalves a José Barros, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre,

08/05/1956. José Barros a General Dr. Benjamin Gonsalves, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 06/11/1956. José Barros a General Dr. Benjamin Gonsalves, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 12/11/1956. José Barros a General Dr. Benjamin Gonsalves, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 16/11/1956. General Dr. Benjamin Gonsalves a José Barros, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 17/11/1956. José Barros a General Dr. Benjamin Gonsalves, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Carta Cruz Vermelha Filial Porto Alegre, 21/11/1956. General Dr. Benjamin Gonsalves a José Barros, Porto Alegre, Acervo Documental da Cruz Vermelha Brasileira, filial Porto Alegre – RS.

Recebido em: 19/10/2021

Aceito em: 31/10/2021